

LUGAR DE MULHER: SOCIEDADE, TRABALHO E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Marina Alice Gurgel de Lima;⁷¹
Faculdade de Educação da Lapa – FAEL;
marina.f.g@hotmail.com

Iasmin da Costa Marinho;⁷²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
iasmincosta@uern.br

Emanuela Rútila Monteiro Chaves;⁷³
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
emanuelarutila@uern.br

INTRODUÇÃO

O estudo em questão é um recorte de trabalho de conclusão de curso intitulado: “A emancipação de gênero e o feminismo, sentidos e significados no discurso de estudantes da UERN”. A partir disso, serão apresentados alguns pontos relevantes que expõem o diálogo entre o discurso de estudantes mulheres do curso de Pedagogia do Campus Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – com os principais autores que compõem a teoria basilar da pesquisa.

Para efeitos do percurso metodológico de análise dessa pesquisa, foram escolhidas sete sujeitas para aplicação das entrevistas. Sete perfis diferentes de mulheres que encaram, de modo particular, as jornadas que lhes são impostas diariamente. Essas mulheres apresentam em si ideais de femininos completamente distintos uns dos outros, rompendo assim com os padrões determinados pela sociedade. Para orientar a realização das entrevistas, utilizou-se a técnica dos Grupos Focais. Esse método é descrito pelos autores Caplan (1990) e Kreuger (1996) como meios de entrevistar pequenos grupos de pessoas de mesma característica ou situação problema semelhante. A escolha desse método foi feita com o intuito de possibilitar uma maior liberdade

⁷¹Pedagoga formada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em formação pela Faculdade de Educação da Lapa (FAEL). Professora da rede pública municipal na cidade de Felipe Guerra/RN.

⁷² Professora Assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).

⁷³ Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Central.

às entrevistadas, buscando respeitar suas subjetividades e dar espaço aos seus anseios e relatos. Acrescentou-se ao estudo a categoria dos Sentidos e Significados, uma vertente da Sócio-Histórica, para fins de enriquecer a nossa discussão. Essa categoria se encarrega de analisar as interações sociais para possibilitar uma melhor compreensão dos seres humanos como sujeitos responsáveis por transformar e formar a si e ao seu meio.

Realizaremos uma interlocução entre as falas das sujeitas entrevistadas que compõem a nossa pesquisa e a autoras escolhidas, a fim de servirem de subsídio para nossas análises. Fundamentaremos inquietações manifestadas pelas entrevistadas, demonstrando que tais inquietações são, muitas vezes, tomadas como situações isoladas, porém, quando analisadas em contexto, percebe-se que assumem uma dimensão maior e passam a se tornar uma problemática social.

Iremos destacar correntes sociais como o Feminismo e as Relações de Gênero na sociedade para compreendermos como esses discursos se validam nos meios em que os femininos se inserem. Desse modo, utilizaremos como arcabouço literário os estudos de Cisne (2009), Marx (1867), Vygostky (1930) e Vianna (2013), que darão suporte a nossa pesquisa.

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO FEMINISMO NO DISCURSO DAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Iniciamos essa subseção pontuando que a evolução humana está inteiramente ligada às relações sociais traçadas pelos sujeitos com o meio em que estão inseridos. Deste modo, entende-se que os nossos processos constitutivos recebem influências direta de nossas relações sociais, ao mesmo tempo em que também as influenciam, pensamento que é altamente sustentado por Vygostky (1930, p. 02) quando o autor argumenta que “a lei fundamental do desenvolvimento histórico humano que proclama serem os seres humanos criados pela sociedade na qual vivem e que ela representa o fator determinante na formação de suas personalidades, permanece em vigor.”

Pode-se afirmar que a mulher, quando inserida no seio social, tende a reproduzir concepções acerca de si que, de certo modo, fazem parte de seu processo histórico-social. No entanto, também pode partir delas, como sujeitas ativas, a iniciativa de romper com esse conceito que já foi predeterminado, principalmente quando se veem como fruto de uma sociedade regida por um sistema patriarcal. Para exemplificar esse pensamento, apresentamos

a fala de uma das alunas entrevistadas, que se intitula como Preciosa Feminilidade ⁷⁴e argumenta que ser mulher é “[...] uma mistura singular de delicadeza, força, coragem e ousadia” (PRECIOSA FEMINILIDADE, 2019). Percebe-se que a estudante utiliza tais substantivos para afirmar o que ela idealiza por ser mulher.

Inseridos no seu meio social, os sujeitos mantêm relações com diversas e distintas instituições, cada uma pregando suas próprias concepções de valores, como acentua Cisne (2009, p. 61) acerca da Família, Igreja e Escola: “Estas instituições alimentam um conjunto de valores conservadores sobre o comportamento de homens e mulheres – engendrado por meio da educação familiar, religiosa e escolar -, que contraria as possibilidades de afirmação da emancipação humana”. (CISNE, 2009, p. 61). A partir disso, podemos considerar que a mulher enfrenta diversos obstáculos ao tentar se afirmar sozinha em uma sociedade regida por instituições que inviabilizam o seu discurso, o que permanece até hoje.

Passaremos agora a compreender como se dá a concepção de mulher e trabalho, e a sua inserção nesse meio. Para isso, usaremos a categoria de trabalho explanada pelo filósofo Karl Marx, que descreve em seu livro *O Capital* como “uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 1867, p. 167). Em complemento, é possível afirmar, a partir de Marx, que o trabalho leva tempo, esforço e gera consequências, e que na sociedade capitalista assume a forma abstrata destinada a produção de mais-valia. Nesse sentido, fazemos uma análise do contexto histórico da inserção da mulher no mundo do trabalho. Intuímos que ao relacionarmos a mulher com o trabalho, entendemos que durante muito tempo ela esteve sob olhares de subordinação, com funções determinadas exclusivamente ao trabalho doméstico, como os cuidados com o lar e da prole. No sistema patriarcal as relações monogâmicas sustentam a origem da propriedade privada, colocando lugares distintos aos homens como provedores e às mulheres como cuidadoras.

Com o passar do tempo, as mulheres brancas foram ganhando espaço no mercado de trabalho, no entanto, esses espaços eram basicamente uma extensão das funções que elas já reproduziam em seus lares. Pode-se exemplificar os espaços que a mulher foi ocupando no magistério, por exemplo, quando ela era vista como educadora e cuidadora, atividades que eram

⁷⁴ Pseudônimo escolhido pela própria entrevistada para fazer referência a si mesma preservando a sua privacidade. O método foi utilizado com cada uma das entrevistadas durante o desenvolvimento do trabalho.

atribuídas como naturais de suas funções no lar. Esse aspecto é ressaltado por Vianna (2013), quando a autora aponta a evasão do homem das salas de aula, principalmente nos cursos primários, movimento ocorrido desde o século XIX, como consequência dessa visão que era atribuída unicamente à contribuição da mulher para o movimento trabalhista.

Analisando a mulher em sua formação acadêmica, foi notório que quando questionadas sobre terem optado por Pedagogia, as participantes apresentaram alguns pontos relevantes em seus processos de escolha do curso. À vista disso, pode-se observar que uma grande influência para as alunas foi a família e o fato de terem como exemplo algum profissional da área, presente no decorrer da vida de cada uma delas, como ressalta Madalena em suas lembranças: “Eu já venho de uma família de professores, de educadores, que já vinha assim... Tinha muita influência da minha mãe professora e minha avó também (...)” (MADALENA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir de todos os pontos aqui projetados, que muitos são os percursos traçados ao longo da vida de uma mulher. Suas jornadas e os espaços que ocupam contribuem para a formação de seus ideais de feminino. Os conceitos aqui apresentados, assim como as entrevistas às estudantes da UERN, nos permitiram construir um entendimento acerca dos sentidos e significados da mulher na sociedade. A partir de suas lutas diárias, essas sujeitas buscam se afirmar em uma sociedade que, por vezes, invisibiliza suas trajetórias.

REFERÊNCIAS

CAPLAN, S. *Using focus group methodology for ergonomic design*. **Ergonomics**, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

CISNE, Mirla; BRETTAS, Tatiana. Que homens e mulheres educamos? In: SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARINHO, Zacarias. **Educação, saberes e práticas no oeste potiguar**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2009

KRUEGER, R. A. **Grupos focais: um guia prático para a pesquisa aplicada**. 3. ed. *Thousand Oaks*, SAGE. Publicações, 1996.

LIMA, Marina Alice Gurgel. **A Emancipação de Gênero e o Feminismo: sentidos e significados no discurso de estudantes da UERN**. Orientadora: Silvia Barbosa. 2019. 75 f. TCC

(Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró. 2019

MARX, Karl. **O Capital**: crítica de economia política, 1867.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

VYGOTSKY, L. S. **A transformação socialista do homem**. In *Marxists Internet Archive*, 1930.